

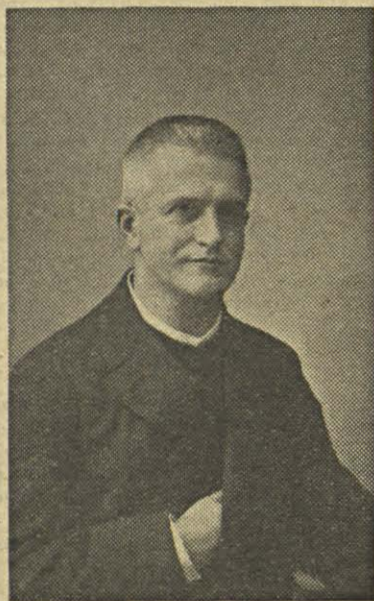


COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Empresa Editora: Tip. "União Gráfica," T. do Despacho, 16-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração: "Seminário de Leiria,"

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Dezembro)



R. Maeder

Monsenhor R. Maeder, pároco da paróquia do Espírito Santo, em Basileia (Basel) na Suíça, editor da *Die Schildwache* (Sentinela), semanário da reputação e difusão mundial.

Esta revista publicará a partir de 13 de Janeiro de 1933 um suplemento mensal à Sentinela com uma tiragem de 10000 exemplares. Será a edição em alemão da «Voz da Fátima» e intitula-se Na escola de Maria—Mensageiro de Fátima.

Monsenhor Maeder pôz à disposição do Rev. Dr. Fischer as páginas da sua revista onde foram publicados os primeiros artigos em língua alemã sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima. Bem haja!

A grandeza de Fátima

Com o triste e sombrio mês de Dezembro, o primeiro da quadra invernos, mês do frio, da chuva e da neve, é chegado ao seu termo mais um ano, o décimo quinto depois das aparições e dos fenómenos maravilhosos.

O ano de mil novecentos e trinta e dois, o ano rosariano por excelência, ficará para sempre assinalado nos fastos gloriosos da Lourdes portuguesa por uma série de acontecimentos importantes que merecem ser postos em relevo.

Nunca talvez como durante o ano que ora finda, nos sermões, homilias e práticas, que se fizeram por ocasião das cerimónias religiosas que tiveram por teatro a Cova da Iria, foi sublinhada tantas vezes e com tanto encarecimento e tão vivo entusiasmo a extraordinária grandeza da graça inefável que a Rainha dos Anjos se dignou conceder aos filhos queridos da terra de Portugal, justamente chamada a terra de Santa Maria.

Seis vezes, de Maio a Outubro, no dia treze de cada mês, descendo dos páramos da glória, ela pousou os pés virginais sobre a copa da azinheira sagrada, para derramar profusamente com as suas mãos puríssimas nas almas e nos corpos os dons mais preciosos dos tesouros do Céu.

Por isso, dum extremo ao outro da nossa Pátria, as multidões accorrem, impulsionadas pela fé e pela confiança, a depôr as homenagens da sua piedade fi-

lial e as súplicas dos seus corações ansiosos ou angustiados aos pés da Virgem bendita, Mãe de misericórdia, Refúgio dos pecadores e Medianeira de todas as graças. Foi durante o ano de 1932, precisamente no dia treze de Maio, que o venerando Núncio de Sua Santidade em Lisboa, Monsenhor Beda Cardinale, Arcebispo titular de Chersona visitou oficialmente o Santuário de Fátima e presidiu às grandiosas manifestações de fé e piedade que ali se realizaram nesse dia memorável.

Foi também nesse ano que a Cova da Iria viu dentro dos seus muros a maior peregrinação diocesana até hoje efectuada, a grande peregrinação diocesana de Leiria, que conduziu até junto do trono da Virgem cerca de quarenta mil pessoas de ambos os sexos e de todas as classes e condições sociais.

Foi ainda no ano rosariano que os mais distintos personagens estrangeiros das diferentes nações da Europa e da América vieram presenciar, no meio da maior comoção e assombro, scenas maravilhosas que nunca imaginaram fossem tão belas e tão tocantes.

Mas é absolutamente impossível fazer neste lugar uma resenha dos factos mais notáveis ocorridos no decurso do ano que findou.

Três lustros são já passados depois que Fátima, a Lourdes portuguesa, nasceu, entre afectos, súplicas e lágrimas, para glória de Deus, para honra da Virgem, e para bem das almas.

Fátima é hoje um facho ardente que paira por sobre Portugal e o mundo, iluminando as inteligências com as luzes esplendorosas da fé e abrasando os corações com as chamas purificadoras da piedade e do amor.

Fátima não é apenas uma risonha esperança ou uma promessa fagueira, é uma realidade palpável, viva e palpitante, sobremaneira consoladora, plena de frutos sazonados e abundantes, que depuram as consciências, elevam as almas, confortam os corações, refazem os corpos, redimem os indivíduos e salvam os povos.

Salvé, Fátima, mil vezes salvé!

O dia treze na Cova da Iria

O dia treze de Dezembro amanheceu imerso numa neblina densa e húmida que cobria a superfície da terra e não deixava ver os objectos a distância.

A medida que se subiam as estradas da serra que conduzem ao local das aparições, o nevoeiro tornava-se cada vez mais espesso e mais opaco, obrigando os automóveis a uma marcha menos veloz e por isso mesmo mais segura à beira de precipícios profundos e talhados quasi a pique nos contrafortes da montanha.

Mas às dez horas, o sol rompe as nuvens, o nevoeiro desaparece como que por encanto e o dia apresenta-se formoso e brilhante, como se fóra um verdadeiro dia de primavera.

Desde alta madrugada os sacerdotes atendem os fiéis que em grande número se aproximam do santo tribunal da penitência, para se reconciliarem, por meio da acusação sincera e sentida das suas faltas, com o Deus de bondade e de misericórdia que pouco depois vão receber nos corações escondido sob as espécies de pão no seu sacramento de amor, a Santíssima e Augustíssima Eucaristia.

Entretanto, no Pósto das verificações médicas, o dr. Pereira Gens director do referido Pósto, procede ao exame e registo dos doentes, coadjuvado pelos enfermeiros Joaquim de Sousa e António Pereira das Neves.

Foram ao todo inscritos neste dia no respectivo livro de registo vinte e sete doentes que sofriam de diversas doenças: laringite crónica, bronquite asmática, adípese, doença da espinha, diabétes, parquinson, rinite, lues, reumatismo, asma, paralisia da face, surdez, parafimose, lupus tuberculoso na face, cegueira, pleurisia, enterocolite, artrite do joelho e mal de Pott dorsal.

Os doentes eram na sua grande maioria das povoações limítrofes de Fátima:

Vila Nova de Ourém, Loureira, Ademó (Alqueidão), Boleiros, Ourém, Olival, Breiro, Vermoil, Tormal, S. Mamede, Toucinhos (Ourém) e Azoia.

Ao meio dia oficial, depois de rezado o terço do rosário, organizou-se a primeira procissão, sendo conduzida a Imagem de Nossa Senhora de Fátima da capela das aparições para a capela do pavilhão dos doentes.

Cantado o *Credo* pelo clero e pelo povo, principiou a missa oficial, que foi acompanhada a harmónio e cânticos. Terminou a missa, como de costume, com a bênção dos doentes e a procissão do adeus.

Ao evangelho subiu ao púlpito o rev.º Francisco Vieira da Rosa que fez uma breve alocução da qual aqui se arquiva um largo resumo.

O sermão oficial

«Mais alguns dias e a Santa Igreja celebrará a grande festa do Natal, o nascimento do Deus Menino, que à terra vêm para resgatar a humanidade pecadora.

Logo que este acontecimento se realiza, abrem-se os céus. Os Anjos descem em revoada, anunciam a boa nova da chegada do Salvador e cantam: «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade». E os pastores, que lá vão tangendo os seus rebanhos, encaminham-se em direcção à gruta de Belém.

«E os Magos do Oriente, guiados pela estrela que lhes apparecera, na orla do horizonte, deixam as suas terras e partem em demanda da Palestina.

Mas, afinal, a que vão os Pastores e os Magos, os humilde e os grandes, os rudes e os sábios?

Vão vêr Jesus, prestar os tributos da sua vassalagem ao Rei Imortal dos séculos que Maria lhes mostra.

Em Fátima, rincão sagrado de Portugal, terra bendita, santificada pela presença da Virgem, perfumada pela oração dos fiéis, rubricada pelo sangue da penitência, regada pelas lágrimas da dor e do arrependimento — neste lugar, onde se respira uma ambiência saturada de sobrenatural — congregam-se milhares de fiéis, vindos de todos os recantos do país e de várias partes do mundo, de todas as classes e condições sociais.

Porém, a que veem esses peregrinos, visitando esta Cova árida e triste, sem comodidades nem atractivos como Belém?

Vêm chorar, cantar e rezar aos pés de Maria Santíssima que lhes aponta a Jesus: Jesus que opera milagres, dando a saúde aos enfermos; Jesus comungado e vivido pelas almas boas, onde o seu amor faz maravilhas de piedade e apostolado fecundo; Jesus que aperta ao seu coração tantos pródigos que, perseguidos pela graça, aqui veem bater à casa paterna, esmolando a paz e a ventura que o mundo lhes negou. Todas as cerimónias litúrgicas que se desenrolam aos nossos olhos e que tanto falam à alma, são coroadas pela bênção do Santíssimo Sacramento que é a Vida dos Corações.

O coração foi feito para amar, mas o amor sem Deus é ilusão e mentira.

A vida que há-de informar e engrande-

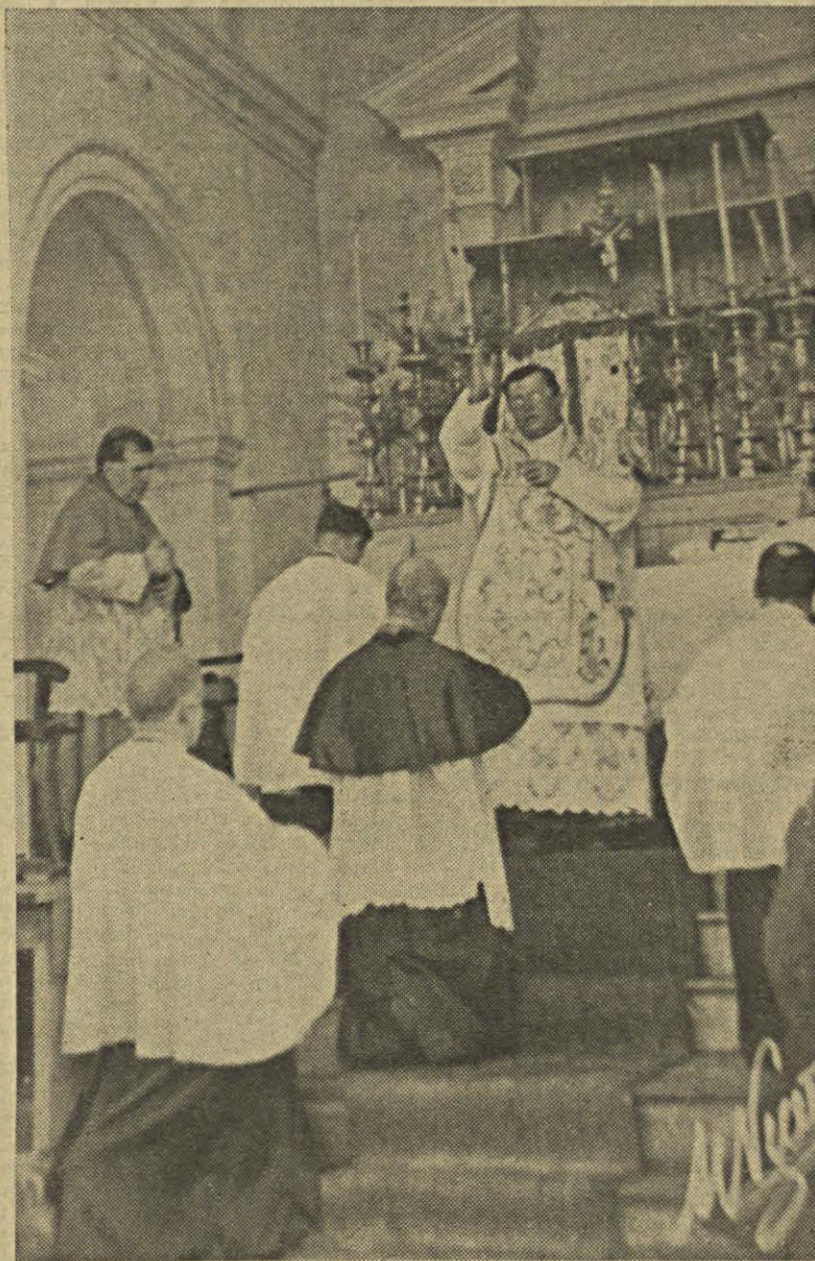
cer o coração humano tem que baixar do Céu, já que a terra a não possui. Essa vida já desceu; chama-se a Eucaristia. No fundo dos seus Sacrários, onde é prisioneiro de amor, repete às almas que passam: Tomai e comei, a minha carne é verdadeira comida... Eu sou o vosso Mestre, o Caminho, a Verdade e a Vida... As almas que se assentam à mesa dos Anjos tornam-se participantes da luz e da força de Deus. Só o pão dos fortes lhes dá a força sobrehumana com que se há-de vencer o bom combate. Comunguemos todos os Domingos, todos os dias, se puder ser. Que a nossa vida no exílio da terra, vivificada e enobrecida e gloriosa pela comunhão freqüente, seja o começo da Co-

munhão Eterna que teremos um dia no Paraíso».

Peregrinos do estrangeiro

Entre os peregrinos que estiveram no dia treze de Dezembro em Fátima, merece especial referência Monsenhor Antonino di Maria, de 65 anos de idade, de nacionalidade italiana, que, no regresso do Brasil, onde esteve alguns anos, quis visitar o Santuário da Lourdes Portuguesa.

O ilustreromeiro ficou maravilhado com tudo quanto viu e que excedeu a sua expectativa e prometeu voltar novamente do Brasil, para onde parte em breve,



O Rev. Dr. Fischer celebrando a Santa Missa no dia 13 de Outubro de 1932 no Santuário da Fátima.

O Rev. Dr. L. Fischer, ardente apóstolo da Nossa Senhora da Fátima na Suíça, na Alemanha, na Austria, na Chekoslovachia, na Polónia onde fez mais de 200 conferências, autor dos livros: — «Fátima a Lourdes Portuguesa» — «Fátima à luz da autoridade eclesiástica» — com numerosas edições e versões e que trabalha num novo livro — *História crítica das aparições de Fátima* — é o fundador e redactor principal do Mensageiro da Fátima — «Na escola de Maria», suplemento mensal à Sentinela, de Basileia. O primeiro número é publicado em 13 de Janeiro de 1933.

Pedimos aos nossos queridos leitores as suas orações para que o novo órgão das glórias de Maria na Fátima atraia as almas e as aqueça no amor de Deus por intermédio da Boa Mãe do Céu.

a-fim-de mais uma vez visitar o logar abençoado pela Virgem de Fátima.

Visitaram igualmente o Santuário de Fátima, no mesmo dia, D. Leão Dias Ferreira, monge beneditino, e o rev.º José Rodrigues Coimbra, de Viseu, que tinham regressado poucos dias antes do Brasil no vapor «Monte Sarmiento». Foi a primeira vez que estiveram em Fátima e levaram consigo desta nesga de terra da Pátria santificada pela presença e pela graça da Virgem as mais doces e mais profundas recordações.

Fátima no Brasil

Dum ilustre sacerdote português que se encontra actualmente no Brasil recebeu o rev.º Arnaldo de Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria, uma carta interessante, da qual se reproduzem neste lugar alguns períodos:

«Fortaleza, 25 de Maio de 1931.

Rev.º em C.º P. Magalhães

«Na semana passada enviei a V. R.º o jornal católico deste Estado de Nor-
«deste que fala da festa que a colónia
«portuguesa daqui fez a N.ª S.ª da Fátima.
«ma. Houve um tríduo na Igreja do Ro-
«sário desta capital, que fica no centro
«da cidade, nos dias 14, 15 e 16 deste
«mês e no dia 17 foi a Imagem de N.ª
«S.ª da Fátima conduzida processional-
«mente da Igreja do Rosário para a nos-
«sa Igreja de C.º Rei. Foi grande a
«concorrência no tríduo, mas muitíssimo
«maior na procissão. Nela se incorporaram
«quasi todas as associações piedosas
«desta capital, predominando as das Fi-
«lhas de Maria, que durante o percurso,
«iam cantando o Ave de Fátima.

«Depois de entrar a procissão na Igre-
«ja de C.º Rei, pregou o R. P. Celesti-
«no, superior da Missão, como já o tinha
«feito no tríduo. Em seguida ao sermão
«foi dada a bênção do SS.º e como con-
«clusão cantou-se o hino de Fátima.

«A nossa Igreja é ampla, pois tem 50
«metros por 24, mas ficou completamente
«cheia, o que ainda não tinha aconte-
«cido noutras ocasiões. A multidão não
«se cansava de contemplar a Imagem da
«N.ª S.ª de Fátima e muitas pessoas não
«saíam da Igreja, enquanto lhe não da-
«vam alguma flor das que serviram para
«enfeitar o andor.

«A colónia portuguesa, como o mesmo
«jornal notou no outro dia, portou-se
«bem».

Visconde de Montelo

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NA AUSTRIA

Publicamos mais uma carta dirigida ao ilustre Professor da Universidade de Bamberg Rev. Dr. L. Fischer, benemérito apóstolo de Nossa Senhora de Fátima em países de língua germânica.

A carta vem de Burgenland que, como dissemos no número anterior da «Voz da Fátima», está situada na fronteira húngara da Austria.

St. Margarethen
3-11-1932

Senhor Professor:

Acabo mesmo agora de chegar da Igreja onde fui assistir à «Hora Santa» que se realiza na véspera das primeiras 6.ªs feiras. Este dia é destinado exclusivamente a homens e jovens. Assistem sempre de 80 a 100.

Que consoladora devoção! É exposto o S. Sacramento e o nosso pároco faz sempre uma pequena prática. O resto do tempo é preenchido com meditação, oração e cânticos extraídos do livroinho a «Hora Santa» do P.º Matheo. Procedendo assim julgamos cumprir, na medida do possível, a vontade de N.ª Senhora. São homens, sobretudo, que Ele deseja ver reunidos em volta do seu Tabernáculo.

Estes, apesar de serem lavradores, trabalhadores de enxada e operários vêm sempre da melhor vontade mesmo nos dias de maior trabalho. E, louvado Deus, vem também o nosso professor!

A freguesia tem uma população de 2.500 habitantes, todos católicos. Mas os católicos de verdade não vão, infelizmente, além da terça parte. O pior, porém, é termos uma Igreja tão acanhada que comporta, quando muito, 700 a 800 pessoas. Este facto deve contribuir, em parte, para que metade dos habitantes da freguesia seja remissa no cumprimento do preceito dominical.

Dito isto é fácil compreender a luta que somos obrigados a travar mas, graças a Deus, já muito temos conseguido.

Em compensação concedeu-nos a Providência um pároco zelosíssimo. A sua divisa é: «S. C. de Jesus, eu confio em vós!» Tomou posse desta freguesia

no dia da festa de N.ª S.ª do Rosário de 1916.

Fazer uma resenha da sua acção como pároco desta freguesia, seria de todo impossível. A seu lado vou eu, na medida das minhas forças, exercendo o apostolado laico. Já conseguimos associar todos os habitantes da freguesia. Os rapazes na Juventude Católica; as raparigas nas filhas de Maria; os homens na União Popular Católica e as mulheres na União das Mães Christãs.

Por esta pequena amostra já V. Rev.º pode fazer uma ideia do trabalho com que está sobrecarregado o nosso pároco. O seu ideal é o preconizado por S. Santidade o papa Pio XI — *Acção Católica*.

E para pôr em prática este ideal construímos, ha três anos, um grande edificio destinado às nossas associações e dele fazemos a nossa oficina.

Todo este arrazoado tem por fim fazer-lhe conhecer, em rápidas palavras, o lugar que N.ª S.ª da Fátima escolheu para ser venerada neste recanto da Austria.

E agora permita-me que passe a responder à sua muito estimada carta recebida aqui no dia 31 de Outubro com indescribível alegria. Deus lhe pague, centuplicado, o raminho da azinhoeira sobre a qual N.ª Senhora apareceu ha 15 anos aos pastorinhos. Venera-la-ei sempre como uma reliquia muito querida. O livrinho junto intitulado «Der Klingende Tag» servir-nos-á de muita utilidade.

O nosso pároco agradece do coração os cumprimentos que V. Rev.º se dignou enviar-lhe e pede-me para lhe dizer que logo que venha à Austria não se esqueça de nos visitar para fazer também aqui uma conferencia com projecções luminosas sobre N.ª S.ª de Fátima.

Como já disse, temos aqui uma grande sala com tudo o que é necessário para esse fim, incluindo um cinema. Convidaríamos nessa ocasião não só os habitantes da freguesia mas também os das freguesias circunvisinhas, pois ha aqui um vivo interesse por tudo o que diz respeito a Fátima. A curta distância daqui fica Eisenstadt, a capital da região, onde V. Rev.º seria também recebido com prazer.

E agora algumas palavras sobre a forma como decorreu a nossa festa em honra de N.ª S.ª de Fátima. A estátua foi feita por Angelo Bertolli, o mais acreditado escultor de Viena. A execução é soberba imitando perfeitamente o original de Fátima. Chegou aqui no dia 10 de Outubro e no dia 12, à tarde, foi solenemente benzida pelo nosso pároco. Foi, para esse fim erigido um altar no centro da Igreja. Durante a bênção entou o nosso orfeão masculino um cantico a Maria, tendo em seguida o Rev.º Pároco pregado um comvente sermão.

Pouco depois foi a Imagem conduzida em procissão até à praça principal tendo-se incorporado nela inúmeras orações das escolas, juventude Católica, filhas de Maria, homens e mulheres, todos com velas acesas na mão. O orfeão entou o «Ave de Fátima» sendo secundado por todos, em coro. Era um espectáculo comovedor até às lágrimas mesmo para os nossos adversários que o contemplavam de longe. Uma coisa assim nunca a nossa freguesia tinha visto. Vieram também muitas pessoas das freguesias limítrofes. A noite estava calma e serena, de sorte que os cânticos chegavam ao longe dizendo depois as pessoas que os ouviram: «até parecia que o Céu tinha descido à terra». A meia noite houve adoração nocturna com a Igreja quasi repleta e de manhã cedo foi celebrada a santa Missa em louvor de N.ª S.ª de Fátima. A Imagem encontra-se outra vez no lugar de honra da minha casa.

Estou convencido que N.ª Senhora me auxiliará na execução do meu plano e que a capela que prometi erigir em sua honra estará concluída no próximo ano. Até lá irá a Imagem todos os dias 13 para a Igreja paroquial a-fim-de ser exposta à veneração dos fiéis. Também aqui, estou certo, Ela espalhará abundantes graças.

E para terminar peço a V. Rev.º o obsequio de me enviar um livro em que se descrevam, com exactidão, as Aparições de N.ª Senhora e bem assim um outro que trate das curas miraculosas. O nosso pároco poderia servir-se delas para as suas pregações. «Fátima, a Lourdes portuguesa» e «Fátima à luz da autoridade eclesiástica» já nós possuímos.

Antes de me deitar vou ainda rezar o meu Terço a N.ª S.ª de Fátima e não me esquecerei de V. Rev.º junto de N.ª Senhora.

Eu, e toda a minha família nos endomendamos às orações de V. Rev.º Cumprimentos do nosso pároco.

De V. Rev.º

Emmerich Unger

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA SOBRE O ATLÂNTICO

(Excerto de uma carta)

No dia 8 de Outubro, embarcámos em Lisboa com o Sr. D. Moisés, novo bispo de Angola e Congo, dez sacerdotes, todos destinados às Missões da provincia de Angola, a saber: P.º João Antunes Duarte Serra, da diocese da Guarda; P.º Cândido de Sousa Maia, do Pôrto; P.º João Martins Lopes, de Portalegre; P.º Alberto Domingues Barata, idem; P.º Joaquim Martins dos Reis, idem; P.º Luís Roque Antunes, idem; P.º Adriano da Rocha, do Pôrto; P.º Isalino José Alves Gomes, de Braga; P.º José Domingues Terças, idem; P.º Eugénio Hablitz, da Alsácia, sendo estes últimos quatro da Congregação do Espírito Santo e outros seis seculares. Seguem também um terceiranista do curso teológico — José Gonçalves Martins, da diocese de Braga, e dois segundanistas — Albino Martins de Sousa Fernandes e José Gomes Tavares, ambos do Pôrto, que completarão os seus estudos no Seminário de Angola. Acompanham-nos ainda seis Irmãos Auxiliares que, além do mais, vão ensinar aos indígenas a grande lei do trabalho.

Nos primeiros dias tivemos de defrontar-nos com um mar tempestuoso que nos fez passar um mau bocado, não havendo quem não enjiasse: foi o nosso baptismo de água... salgada. Mas tudo se modificou a partir do terceiro dia.

No dia 10, começámos, pelo fim da tarde, a avistar a ilha da Madeira, mas com grande arrelia de todos, só às sete horas e meia, já noite serrada, o «Mouzinho» lança ferro no pôrto do Funchal. Como não podíamos facilmente e proveitosamente ir a terra, veio o Sr. Bispo do Funchal, D. António Pereira Ribeiro, visitar o Ex.º Sr. D. Moisés, com quem se demorou algumas horas.

Vieram também alguns sacerdotes da cidade do Funchal, um dos quais está preparando as suas coisas para vir ter connosco a Luanda. Oxalá não se demore!

Pouco antes do «Mouzinho» levantar ferro, o Ex.º Sr. Bispo de Angola e de todos os novos missionários, abençoando-nos e encorajando-nos.

Do Funchal a S. Tomé são dez dias de viagem ininterruptos, sem que o «Mouzinho» se digno visitar qualquer outro pôrto. Mas estes longos dias passados aqui a bordo, contemplando apenas mar e céu, não têm sido desperdiçado por nós, e alguns até mesmo têm sido bem aproveitados: estão neste rol os dias 12 e 13 de Outubro.

No dia 12, o Sr. D. Moisés reuniu-nos a todos no salão que foi adaptado a capela, e fez-nos uma substanciosa conferencia em que falou longamente de Nossa Senhora da Fátima, sob cuja protecção devíamos colocar os nossos trabalhos apostólicos, para serem mais fructuosos, e convidou-nos a fazer a nossa velada de orações em união com todos os peregrinos que nessa noite estariam reunidos na Cova da Iria, entre os quais devia encontrar-se o rev. Padre Provincial da Congregação do Espírito Santo — Dr. Clemente Pereira da Silva, que seria dos mais fervorosos, e com a maior devoção e interesse pediria por nós.

Combinou-se que no dia seguinte (dia 13 Outubro) as onze missas fossem celebradas em quatro turnos, para que os passageiros que desejassem assistir à missa neste dia tão solene e tão grato ao coração dos portugueses, podessem comodamente fazê-lo.

A mim tocou-me o turno das nove horas que foi bastante concorrido. Eu tive a felicidade de celebrar a missa mesmo em honra de Nossa Senhora da Fátima, em cumprimento dum voto.

Durante a celebração do santo Sacrificio experimentei uma estranha comoção que não sei exprimir: um mixto de amargura saudade e de doce confiança — saudade de Portugal, minha estremecida pátria, que Nossa Senhora tanto protege, a qual deixei, já no declinar da vida; com uma firme confiança no seu valimento para levar a cabo os trabalhos de evangelização, na nossa magnifica provincia de Angola. Ela abençoará os nossos esforços e fará fructificar a boa semente que generosamente lançaremos àquela terra, ainda tão inculta e tão carecida da operários!

Todo o nosso empenho será levar ao coração dos Angolanos — afinal também portugueses — uma grande devoção a Nossa Senhora — Mãe e rainha de todos os portugueses, certo de que Ela os levará logo aos pés de Jesus — seu Filho e nosso Redentor, cujas Chagas ainda brilham na bandeira de Portugal.

Que Nossa Senhora da Fátima nos guarde, nos proteja, e abençoe os nossos trabalhos, tão entusiasticamente compreendidos!... E, em todos os dias 13 dos meses em que tiveres a felicidade de subir à serra de Ayre, não te esqueças de ajoelhar piedosamente na Cova da Iria e pede fervorosamente a Nossa Senhora pelos pobres missionários que vieram para Angola com o firme propósito de aumentar o número

dos subditos de Cristo-Rei, fazendo dos povos angolanos bons portugueses; mas portugueses de lei — amantes devotados do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Fátima!

P.º Cândido Maia

Eu quizera...

O ilustre jornalista Louis Weuillot deixou escrito no seu testamento o seguinte: «Eu quizera que assim como antigamente se dava o caldo à porta dos conventos assim se destrubuisse hoje à porta e dentro das igrejas o jornal católico.

«Eu quizera que os testadores crentes deixassem legados para a imprensa católica.

«Eu quizera que nas lojas, nos armazens, nas farmácias, nas oficinas, principalmente em todos os sitios de vendas se comprasse o jornal católico, como se faz provisão de artigos de alimentação e mais coisas da vida.

«Eu quizera que no livro de contas de cada familia houvesse esta verba: para assinatura de jornais católicos, tanto...

«Eu quizera que os meus companheiros de fé se compenetrassem bem desta verdade: a boa imprensa é a maior necessidade actual.

«Eu quizera trazer os bolsos cheios de escritos e folhas soltas católicas para as distribuir pelos combóios, pelos carros, pelas ruas, pelas visitas, pelos templos, pelos mercados, pelas escolas, por toda a parte.

«Eu quizera que nenhum pobre pudesse fazer esta queixa: não leio jornais católicos porque não tenho dinheiro para os comprar.

«Eu quizera que, ao passar pelas ruas, toda a minha popularidade, toda a minha fama, se resumisse nestas palavras: «Olha: ali vai um jornalista católico».

«Eu quizera que quando o meu corpo descesse ao seio da terra, a mão de um amigo gravasse ao pé da cruz bendita que há de guardar a minha transitória morada, esta inscrição: «Aqui espera a esmola de uma oração um jornalista católico».

CÂNTICO DAS CRIATURAS EM HONRA DO MENINO JESUS

A noite

Benedicite, noctes, Domino
Abandonada do calor e da vida, eu chorava a minha negra sorte, — e Vós, ó Divino Infante, ao descerdes à terra, escolhestes-me por companheira, porque viestes para salvar aqueles que desfalecem ou morrem — vós que sois a ressurreição e a vida.

Vós me preferistes à luz do dia, apesar da minha escuridão — é que vinda curar os cegos e sobre a noite das almas transviadas, fazeis romper a aurora do esplendor do Pai.

Na minha pobreza e na minha solidão, Vós não me desprezastes, porque vindes recolher no amplexo do vosso amor todos os desamparados e todos os oprimidos, para fazer deles um tesouro de alegria eterna.

As estrelas

Benedicite, stelae coeli, Domino
Fostes Vós, Verbo de luz, que acendestes no firmamento os nossos fachoços cintilantes, para espantar as trevas da noite e anunciar a paz infinita do Céu.

Mas era preciso que Vós baixásseis até à terra — até junto das almas entenebrecidas para irradiar sobre elas as bênçãos da vossa paz e as chamadas do vosso amor.

Postes Vós, Verbo creador, que nos semeastes pela amplitude dos ceus e enchestes o espaço com o fulgor dos vossos clarões — E para Vós, Senhor, que agora mais que nunca queremos brilhar; mas a mais bela de nós todas é apenas um pálido reflexo da pura claridade do vosso olhar divino.

Com a vossa mão omnipotente formastes os coros harmoniosos das constelações para guiar a humanidade pelos caminhos do mundo; mas apesar do brilho das estrelas as almas podem extraviar-se no caminho da salvação e Vós viestes, Divino Farol, apontar o rumo seguro que leva ao Paraíso.

A vaca e a jumentinha

Ros cognovit possessorum suum
Bemdito sejas, Senhor, que nos fizestes servos fiéis do homem, creado à vossa imagem e semelhança; — mas hoje a nossa condição humilde e o nosso humilde préstimo são postos ao serviço do Homem-Deus.

E vós, ó Virgem Mãe, já que não tendes um berço para reclinar o vosso Amantíssimo Filho, — dignai-vos aceitar o melhor recanto da nossa mangedoura: E porque estamos aqui jun-

to d'Aquelle de quem tudo recebemos, ofereçamos-Lhe ainda o doce calor da nossa vida e o sopro tépido do nosso hálito. Menos insensível que os habitantes de Belém, o frio há-de abraçar-se assim para o Menino Jesus.

E nós Vos rendemos graças, Jesus, pelos dons de graça e docilidade com que entre os outros animais nos distinguistes e nos dispuzestes para o trabalho. Contudo este dons não passam de singelas imagens desses maravilhosos dons divinos que em Vós adoramos: a vossa omnipotência velada sob a pobreza das vossas faxas e a vossa submissa obediência a Deus Pai e aos homens — obediência que Vos há-de levar por ásperos caminhos de Belém ao Calvário.

Os pastores

Benedicite, humiles corde, Domino
Nós Vos bendizemos, Divino Pastor, que pela voz dos anjos reunis os pastores para lhes revelar o caminho do celestial aprisco. Vós sois, ó Jesus Infante, o Senhor do universo: dai às ovelhas a lã e o pasto, guardai-as dos lobos vorazes — Vós que sois o amigo e salvador dos rebanhos e dos pastores.

Como o proclamaram os anjos no seu cântico, Vos vindes restituir a Deus a sua glória desconhecida e trazer o fogo do seu amor aos homens de boa vontade. Oxalá os nossos lábios possam repetir sem fim a mensagem angelica: Glória a Deus por Jesus Cristo e paz na terra — entre os homens.

Deixai-nos, Senhor oferecer-Vos as primicias dessa paz na serenidade desta velada santa e na simplicidade dos nossos corações, e não deixeis de dar a todas as almas — assim as desasocogadas como as tranqüilas — essa paz do Céu que brota do vosso amor e que há-de saciar os bem-aventurados por toda a eternidade.

Os anjos

Benedicite, Angeli Domini, Domino
Adoremos e exaltemos a Jesus Cristo, nosso Senhor e nosso Rei: que a alegria do Céu inunde a terra como os nossos jubilosos cantares encham de gozo as colinas de Belém.

Mas como receberá a terra o seu Redentor? Reconhecerá n'Ele o seu Rei Pacifico? Ah Jesus-que trôno vos reserva a triste humanidade: — as táboas duma mangedoura e depois o leño duma cruz!

Oh! Que um hozanna sem fim glorifique nos ceus a Trindade Santíssima por esta grandiosa maravilha da sua Misericórdia, ao passo que na terra hinos triunfais irromperão dos nossos lábios perenemente! Sim, a nossa adoração fervorosa há-de acompanhar o Menino Jesus ao exílio, o Messias ao deserto e a Vítima ao Calvário.

Depois virão os Aleluias da Ressurreição e os vossos primeiros adoradores não são mais que os arautos desse cortejo deslumbrante de santos e santas que exornam a vossa Igreja. Mensageiros fiéis através dos séculos, nós guiaremos para Vós os povos regenerados; sentinelas vigilantes do novo paraíso nós franquearemos de par em par a entrada às almas que Vós reconquistardes para a bem-aventurança eterna.

A Virgem

Magnificat, anime mea Dominum
Mistério gozoso: Aos melodiosos cânticos do Céu correspondeu na terra o inefável sorriso do Divino Infante — e a Terra inteira estremeceu de alegria, porque segundo a promessa do profeta, a iniquidade foi destruída, e o hino dos anjos é bem o preludio de acções de graças que perpetuamente entoará o amor vencedor da morte.

Mistério doloroso: A humanidade recusou pousada à Mãe e ao Filho. A vossa vinda ao mundo, ó Jesus, é a entrada no sofrimento; Vós vindes abrir as portas do Céu aos degredados filhos de Eva e estes oferecerem-Vos um estábulo e preparam-Vos um sepulcro.

Mistério glorioso: Em sua Providência quis o Divino Salvador velar a sua glória ao descer a esta terra mortal; mas a glória de Jesus Cristo há-de encher de brilho os séculos e as nações: As estrelas revelam-na à noite, os anjos revelam-na aos pastores — e os pastores acorrem pressurosos a ofertar ao Cordeiro sem mancha os nedios cordeirinhos dos seus rebanhos, e lá do fundo do Oriente os Santos Reis Magos afoitam-se a uma longa viagem para render o preto devoto das suas homenagens ao Rei dos Judeus e fazer a oferta das suas mais opulentas dádivas ao Rei Imortal dos séculos.

E esta glória há-de resplandecer deslumbradora no dia da ressurreição triunfante e ela há-de ser a luz e alegria do Paraíso.

D. L. D.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Pleurisia

Rio de Janeiro, 18-9.

Achando-me hoje perfeitamente restabelecida da grave enfermidade que sofri, escrevo a este jornal com o fim de levar ao conhecimento de todos, o poder verdadeiramente milagroso da bondade de Maria, sob a particular invocação de Nossa Senhora de Fátima.

Era aluna do colégio da Assumpção em Santa Teresa, e aí achava-me estudando no mês de Junho de 1929, quando fui acometida do mal terrível, cuja cura foi desacreditada pelos melhores médicos desta Capital.

Findos os exames do Trimestre e, sentindo-me um tanto indisposta, dirigi-me à Irmã Enfermeira pedindo-lhe que me desse algum remédio. Deitei-me, sem que nada de maior acontecesse.

A meia-noite, porém, acordei com muitas dores pelo ventre e lançando sem cessar. As duas horas da tarde do dia seguinte cheguei à minha casa, pois era dia da saída geral das meninas.

Oito dias depois tornaram-me as dores agudíssimas, sendo então chamados os dois médicos da família: Dr. Frederico Mac Dowell e Dr. Afonso Mac-Dowell. O que sentia então é indescritível, qualquer movimento acarretava como consequência dores em todo o corpo. Perdi o sono e assim passava noite e dia a gemer, sem que melhoras aparecessem para alentar-me com as suas esperanças.

Disseram os médicos, a princípio, tratar-se de uma colite aguda; porém, os sintomas desta desapareciam e o caso complicava-se assustadoramente.

Feitos todos os exames bacteriológicos exigidos pela medicina; seus resultados de nada serviram para esclarecer a causa do mal aos olhos observadores dos médicos assistentes.

Chegou o dia 4 de julho, quinta-feira, véspera da primeira sexta-feira do mês. Pedi então ao meu Pai que trouxesse um padre Jesuíta, porque desejava comungar. Meu Pai acedeu prontamente a este meu pedido, o que me aliviou um tanto. Nesta mesma noite de quinta-feira deu-se um facto de máxima importância: às 9 horas da noite, minha tia D. Gina Mac-Dowell foi ao meu quarto ver-me e perguntou-me se já tinha ouvido falar nos milagres operados pela Virgem de Fátima.

Disse-lhe eu que na verdade já tinha lido no refeitório do colégio diversos artigos referentes à Fátima, mas que sinceramente, não me haviam despertado maior atenção. Minha tia insistiu muito para que eu tivesse fé, dizendo-me que se confiasse em Nossa Senhora de Fátima, Esta certamente haveria de curar-me. Tirou da bolsa um pequeno frasco contendo água da gruta de Fátima, deu três colheres de chá do líquido para beber e em seguida, repetindo três vezes a invocação: Nossa Senhora do Rosário de Fátima curai-me. A intervenção da Virgem Santa foi imediata: dormi, coisa que não fazia havia vinte dias e ao acordar, às duas horas da manhã da sexta-feira, percebi que estava bem, aliviada das dores. Notei então que havia eliminado durante o sono uma grande quantidade de matéria cerosa, a qual estava ainda sobre a minha cama.

Por motivo de força maior os meus tios, chamados, não puderam comparecer vindo um médico da Casa de Saúde de Pedro Ernesto. Feitos os primeiros curativos e aplicados os medicamentos de maior urgência disse o doutor tratar-se da rutura de um abscesso localizado na trompa, do que podiam resultar gravíssimas consequências, se não houvesse uma intervenção cirúrgica imediata. Meu Pai deliberou esperar até às 9 horas da mesma manhã para saber a opinião dos médicos, a cuja assistência estava confiada.

As sete horas recebia eu a Sagrada Comunhão, dada por um Padre Jesuíta o que me ocasionou sensível bem estar.

Para conferências com meus tios foram chamados vários médicos, entre outros o Dr. Queiroz de Barros, grande ginecologista. Meus tios concordaram no tratamento que se devia fazer, opondo-se a qualquer operação cirúrgica. A opinião geral era ser o caso muitíssimo melindroso e de cura asaz duvidosa, não contribuindo a operação a não ser para abreviar o desenlace. Como vedes, foi Maria a quem depois da noite de quinta-feira não mais deixei de invocar, que, fazendo vasar o abscesso orientou os médicos que desde aí, conhecendo o mal empregaram remédios eficazes.

Começou-se a fazer uma novena à Nossa Senhora de Fátima segundo as orações do fascículo impresso, com o fim de obter de Maria a minha cura.

Passados alguns dias, prosseguindo a moléstia em sua marcha a inflamação atingiu à plena, do que resultou uma pleurisia.

Com isto muito sofri, pois eram frequentes os acessos de tosse e asfixia que muito me molestavam e enfraqueciam, pois sentia-me quasi sem vida, que era sustentada por grandes doses quotidianas de óleo canforado, soro glicérico e muitíssimas outras injeções empregadas para cura e sustento do organismo. Meu Pai a pedido de minhas irmãs, chamou então o Dr. Henrique Roxo, acreditado professor de psiquiatria, o qual aconselhou punções, as quais se tivessem sido feitas teriam apressado o desenlace. Neste estado desesperador a ciência deu-se por vencida, pois foram estas as palavras dos médicos: Agora só milagre, disse um; outro disse que dentro de vinte e quatro horas estava indubitavelmente morta.

É necessário dizer que nem um só dia a partir da referida quinta-feira de julho, deixei de tomar diariamente pela manhã e pela noite uma colherinha de chá de água santa; dizendo: Nossa Senhora do Rosário de Fátima curai-me. Comunguei diversas vezes, sempre fazendo a mesma súplica à Virgem Santa e Ella no fim da novena dignou-se ouvir-me. Eis que com espanto geral dos médicos comecei a melhorar visivelmente dia a dia, sem que se realizassem as hipóteses sustentadas pelos médicos: estado crônico do mal existente ou morte certa.

Diziam que a cura radical era de todo impossível, a não ser milagre.

Vejo-me hoje radicalmente curada, e como prova de meu agradecimento a Maria S. S., faço esta comunicação ao santuário para os devidos efeitos.

Maria de Jesus Mac-Dowell Passos Miranda

Hemorragia

«Um devoto de N.ª S.ª da Fátima, sofrendo duma hemorragia há mais de oito anos e tendo consultado vários médicos, apesar das indicações e tratamentos clínicos, não obtinha a cura desejada recorrendo Aquela que é Saúde dos enfermos, dentro em pouco achou-se muito melhor e há já mais de dois meses, que não tem aquela hemorragia.

Agradece também à S. S. Virgem outra graça mui especial que lhe concedeu, pelo que reconhecido por estes grandes benefícios que atribue à intercessão de N. S. de Fátima, vem por este meio tornar público o seu reconhecimento e agradecimento.»

Paredes da Beira,

Manuel Paiva Castilho

Tumor canceroso

Em agosto de 1929 apareceu-me no seio esquerdo um caroço com todos os sinais característicos dum tumor canceroso. Fui examinada pelos Ex.ªs Drs. Abel Pacheco, director clinico e operador no hospital da Lapa, no Pôrto, e Couto Soares, operador no hospital do Terço também da cidade do Pôrto, e pelos Ex.ªs Drs. Eduardo Torres e A. de Souza, clínicos do hospital do Bom Jesus, de Matozinhos.

Todos foram unâimes em que eu tinha de ser operada imediatamente, ficando o prazo marcado para a operação, daí a 8 dias.

Na minha grande aflição roguei a Nossa Senhora de Fátima que me valesse, fazendo-lhe a promessa da publicação do seu milagre e juntamente o voto de lhe rezar todos os dias um terço enquanto fosse viva e um rosário nos dias 13. Tal foi a fé com que lhe pedi e a crença que tive na minha Santa Mãe do Céu, que o caroço de dia para dia ia desaparecendo até que foi por completo. Quando compareci no dia designado para ser operada (no hospital do Terço) já o meu mal quasi não existia, ficando todos os médicos admirados com o fenómeno.

Em virtude do que o meu médico operador, Sr. Dr. Couto Soares, observou, ficou a operação adiada cinco dias.

Voltei lá passada mais uma semana dizendo-me ele que me encontrava completamente curada. Desde esse dia até hoje nunca mais notei nada de suspeito, apesar dos exames minuciosos que tanto os médicos como eu temos feito. Agradecendo, etc...

Maria Almerinda Guimarães Carvalho
Rua do Alto-Mearim 99—Matozinhos.

Tuberculose ossea

Rosalina Alves, de 23 anos, de Castelo Branco, veio no dia 13 de Maio a Fátima pedir a Nossa Senhora a cura de tuberculose com fistulas em uma côxa. Ela, que havia tempo tinha temperaturas muito altas, chegando a mais de 40 graus, voltou sem febre a Castelo Branco onde era crea-

da do médico Ex.ª Sr. Dr. José Lopes Dias. Em um mês aumentou cinco quilos de peso.

Em outubro estava a servir no hospital de Abrantes.

Chagas

«É com o maior reconhecimento para com Nossa Senhora de Fátima, que venho contar-lhe uma grande graça, que peço a fineza de publicar no jornal «Voz da Fátima» porque tenho muito que agradecer a Nossa Senhora de Fátima. E é a seguinte:

Já havia mais de 20 anos que sofria dumas chagas que me martirizavam horrivelmente todo o corpo. E a minha filha mais velha, chamada Ana Carolina Afonso, padecia também das mesmas chagas por espaço de 2 anos. Eu e minha filha já não sabíamos o que havíamos de fazer, pois já nos tinhamos utilizado de muitos remédios e nenhum nos fazia bem.

Então um meu filho que está no seminário de Macau, vendo os tantos milagres que Nossa Senhora de Fátima tem feito, lembrou-se de me mandar vir uma garrafinha de água de Fátima, aconselhando-nos a que nos servíssemos dela e que dentro em breve ficaríamos curados. Pois se bem nolo disse, melhor aconteceu. Eu comecei a tomar todos os dias algumas gotas dessa água milagrosa e minha filha fazia o mesmo molhando também com a milagrosa água as chagas e fez duas novenas. Passado um mês, já, tanto eu como a minha filha, não tinhamos mal nenhum. As chagas, que estavam espalhadas por todo o nosso corpo e que já havia tantos anos que nos martirizavam horrivelmente, desapareceram por completo, para nunca mais virem. Já passou um ano e as feridas sem voltarem.

Como prometi publicar esta graça, se se realizasse dentro dum ano, venho com o maior reconhecimento para com a Virgem, cumprir a minha promessa.

Muitas graças sejam dadas à Virgem Santíssima pelos muitos favores que nos tem feito.

Remondes, 21-8-32.

Maria da Anunciação Variz

Tuberculose

Maria da Conceição dos Reis Correia, de Lisboa (Travessa da Senhora da Glória, à Graça, 30-1.ª), teve no dia 15 de junho de 1930 uma pneumonia de que resultou uma afeção pulmonar, chegando a ter uma caverna, o que foi observado por dois médicos. Teve algumas congestões pulmonares que a faziam expectorar sangue. Ela e os tios recorreram a N. Senhora, usando da água de Fátima. Há um ano que se considera curada, continuando, no entanto, todos os meses a fazer uma novena a Nossa Senhora. Em outubro veio a Fátima agradecer e pedir a cura duma irmã.

João Francisco da Cruz, de Santo Antão de Cabo Verde, sofrendo, há muitos anos, quasi sempre, de uma angina, diz que:—Tendo constatado as inúmeras curas obtidas pela intercessão da Santíssima Virgem do Rosário de Fátima, à mesma recorreu com espírito de confiança orando quasi sem cessar, e o mal desapareceu. Conta já 8 meses em paz e, como promettera a publicação de mais uma graça obtida quando visse a cura realizada, vem rogar a caridade de a mesma ter lugar na Voz de Fátima.

Só Ela me concedeu o que por entre a medicina, debalde, procurei.—

Santo Antão, (C. V.) Ribeira da Tórre—Freguesia de N.ª S.ª do Rosário.

João Francisco da Cruz

Doença grave na garganta

Venho mais uma vez pedir a publicação duma grande graça que N. S. concedeu a uma pessoa minha amiga:

Manuel António Valente Paulo, de 14 anos, filho de José António Paulo e de Deolinda Valente Paulo, de Adeganho, concelho de Moncorvo, adoeceu no dia 5 de Abril do ano corrente.

Apareceu-lhe na garganta um furúnculo de que os pais não fizeram caso. No dia sete de manhã a mãe olhou por acaso e viu-lhe a garganta muito inchada e o dito furúnculo já com grandes dimensões. Alarmada, participou o caso às vizinhas que a aconselharam a partir imediatamente para o médico. Ela assim fez. Partiu para aqui, para Vila Flôr, a procurar a filha um médico. Encontrou o senhor Dr. António de Azevedo que logo que examinou a criança disse que era uma fistula e se recusou a queimá-la por já estar muito adeantada, pois a inchação já lhe tomava quasi todo o peito. A pobre mãe (imaginem-se a aflição dela!) pediu, suplicou debruçada em lágrimas que fizesse o possível para salvar o seu filho. O médico, condoído da aflição e das lágrimas daquela mãe disse-lhe: olhe, eu vou queimar-lha mas quasi era escusado martirizar a criança porque com estas feridas

poucos são os que não morrem, queimando-as imediatamente, quanto mais depois de estar no estado em que elle está. A morte é quasi inevitável. Mas a novas instâncias da mãe e das pessoas presentes o médico queimou-lhe a ferida e fez-lhe o curativo. Quando se retirou ainda repetiu; é escusado gastar mais com elle porque elle morre. Com effeito a criança teve logo na farmácia, onde foi feita a operação, uma violenta crise e o percurso daqui para casa foi muito dificultoso. Assim esteve entre a vida e a morte até que a mãe, no dia 10, num momento em que o viu mais aliviado, lhe disse que era melhor chamar o sacerdote, ao que elle anuiu gostosamente, confessando-se e recebendo todos os sacramentos, que toda a gente dizia seriam os últimos.

Nesse mesmo dia teve outra crise ainda mais violenta que metia compaixão a todas as pessoas presentes.

A pobre mãe estava como louca com quasi a certeza da perda do filho estremecido quando a miraculada Ilda Frutuoso lhe trouxe umas gotas de água de Fátima e lhe disse: dê-lhe esta água a beber e vamos fazer uma novena. Não vê que N. Senhora também me curou a mim?

A pobre mãe deu-lhe logo umas gotas de água ao doente e ali mesmo, com os vizinhos e os outros filhos, começou a novena.

De repente o doentinho começou a melhorar a olhos vistos e passados poucos dias deixou o leito, cheio de vida e saúde, graças a N. S.ª que se dignou operar tão grande milagre de que a mãe e toda a família se reconhecem indignos. Veem pois agradecer humildemente a N. Senhora esse insigne favor pedindo-lhe que continue a derramar as suas graças sobre elles e sobre mim que escrevo estas linhas.

Mario da Conceição Lopes Malheiro.

Confraria de N.ª S.ª da Fátima

Mais uma vez vimos perante os leitores deste jornal, e duma maneira especial perante os membros da Confraria de Nossa Senhora da Fátima, apresentar as contas do rendimento dos annuaes no ano de 1932 próximo passado.

Durante o ano de 1932 o rendimento total foi de 6.883\$50.

Com as correspondências relativas à mesma confraria foram gastos 44\$50, ficando livre um total de 6.839\$00. Ora, segundo o artigo 4.º dos estatutos da mesma Confraria, o lucro total deve ser dividido em duas partes iguais, uma das quais será aplicada no culto de Nossa Senhora da Fátima, e a outra em Missas celebradas por todos os confrades vivos e defuntos, cujos annuaes tenham sido satisfeitos.

Foi o que se fez;—foram entregues para serem gastos no culto de Nossa Senhora da Fátima 3.419\$50 e com igual quantia foram celebradas 549 missas, 14 das quais foram por alguns confrades reunidos, e as restantes por todos os confrades vivos e defuntos.

Tão grande riqueza espiritual deve-se à fé e generosidade dos bons confrades, mas também ao zelo dos Snrs. Colectores e Colectoras a quem publicamente se agradecem todos os trabalhos e talvez desgostos,—quasi sempre a única recompensa que neste mundo alcançam os que trabalham pelo bem das almas.

O bom Jesus Sacramentado, descedendo 549 vezes ao altar com as mãos cheias de graças, tê-las-á espalhado abundantemente no coração de todos os confrades da sua querida Mãe a Virgem Senhora da Fátima, graças que, um dia, no céu perante todos os eleitos serão trocadas por glórias e gozos que não acabarão.

Esperamos em Deus e na Virgem Maria, que daqui a um ano se poderá anunciar que foi celebrado um número de Missas mais elevado do que o deste ano.

Não ficou em caixa dinheiro absolutamente algum pois que a Confraria não quer as esmolas de seus confrades senão para as mudar em graças em beneficio de suas próprias almas.

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Este belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiravelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para esse fim enviar 5\$00 ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

MOVIMENTO RELIGIOSO E DE DOENTES NO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

NO ANO DE 1932

Movimento religioso

Realizaram-se no decorrer deste ano seis turnos de Retiro Espiritual, sendo o primeiro para os servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, o segundo para Médicos, o terceiro para as servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, o quarto para magistrados e professores, o quinto para sacerdotes e professores dos seminários do país e o sexto para o pessoal empregado no Santuário.

Nestes Retiros tomaram parte duzentas e sessenta e oito (268) pessoas.

Movimento religioso nos dias 13 de cada mês

13 de Janeiro — Missas 15. Comunhões cerca de 1.300.

13 de Fevereiro — Missas 14. Comunhões cerca de 1.350.

13 de Março — Missas 7. Comunhões cerca de 1.400.

13 de Abril — Missas 14. Comunhões cerca de 1.500.

13 de Maio — Missas cerca de 200. Comunhões cerca de 25.000.

13 de Junho — Missas 17. Comunhões cerca de 10.000.

13 de Julho — Missas 57. Comunhões cerca de 9.000.

13 de Agosto — Missas 23. Comunhões cerca de 9.000.

13 de Setembro — Missas 45. Comunhões cerca de 7.000.

13 de Outubro — Missas cerca de 150. Comunhões cerca de 12.000.

13 de Novembro — Missas 7. Comunhões cerca de 1.500.

13 de Dezembro — Missas 9. Comunhões cerca de 1.700.

Número aproximado de Missas celebradas em dia 13.=558.

Número aproximado de Comunhões em dia 13.=80.750.

Número de Comunhões nos restantes dias de cada mês

Janeiro — 904; Fevereiro — 1.095; Março — 941; Abril — 1.048; Maio — 5.208; Junho — 1.132; Julho — 1.164; Agosto — 980; Setembro — 1.151; Outubro — 1.487; Novembro — 988; Dezembro — 507 até ao dia 20.

Número exacto de Comunhões fora dos dias 13=soma 16.605.

Número aproximado de comunhões em todo o ano=97.355.

Movimento de doentes

Foram observados no posto Médico do Santuário durante este ano mil cento e sessenta e dois doentes, assim distribuídos:

Mez de Janeiro 15, Fevereiro 17, Março 32, Abril 70, Maio 345, Junho 137, Julho 67, Agosto 116, Setembro 128, Outubro 177, Novembro 31, Dezembro 27.

Destes foi grande parte albergada no hospital do Santuário sendo tratados pelos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, sob a assistência do Ex.ª Sr. Dr. Pereira Gens, médico do Santuário.

Santuário de Fátima.

20 de Dezembro de 1932.

P.ª Manuel de Souza

Oratória da Fátima

Vozes corais e piano ou harmonium

A letra, do Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, vem em português como foi composta pelo poeta, e traduzida em francês por M.ª Guite de Sousa Lopes.

A música, do maestro Ruy Coelho, vem, como a letra, ótimamente impressa tanto as partes corais como o acompanhamento.

Encontra-se à venda no Santuário e na Redacção da «Voz da Fátima».

Será enviada a quem a pedir e enviar a quantia de 40\$00.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Transporte, Papel, comp. e impr. do n.º, Franquias, embal., transportes, etc., Na Administração — Leiria, Total.

Donativos desde 15\$00

List of donors and amounts: Caridade Monteiro — Moçambique, 75\$00; Cassiano Leal — Porto, 110\$00; P.º Francisco Farinha S. Eulália, 70\$00; Maria Saraiva — Figueira da Foz, 15\$00; Francisco Pedro Júnior—Merceana, 20\$00; Maria Rosa Moura — Porto, 15\$00; Bernardino de Oliveira — S. Pedro do Sul, 20\$00; Floras Vargas — América, 2 dólares; José Governo — Pedregão, 15\$00; Maria da Rocha — Odivelas, 15\$00; Manuel da Silva — América, 44\$00; Maria da Silva — América, 33\$00; P.º José Leal — Algarve, 45\$00; Francisco da Silva — Proença-a-Nova, 15\$00; Berta Madeira — Évora, 20\$00; Angelo Neves — Redondo, 20\$00; José Gomes — Madeira, 20\$00; P.º António Figueira — Madeira, 20\$00; Joaquim Rodrigues J. — Madeira, 20\$00; Isabel de Almeida C. Pereira — Lisboa, 20\$00; Bispo do Funchal — Madeira, 213\$95; Esmolas de Mirandela, 50\$00; Devotos de Paderne, 30\$00; P.º Artur Saude — Carvalhos, 60\$00; Maria Pires — Porto, 30\$00; Inês Sequeira — Índia Portuguesa, 30\$00; P.º Joaquim Barroso — Douro, 15\$00; Helena da Silva — França, 15\$00; Maria Barreto — Guimarães, 41\$00; Alguns assinantes — Porto, 120\$00; Afonso de Albuquerque — Lisboa, 15\$00; Joana Emilia Viegas — Porto, 50\$00; Alunos do Seminário de Viseu, 121\$00; Francisco Vicente — Viseu, 27\$50; Rita de Jesus Dias — Cartaxo, 15\$00; Emilia Rebelo — Faro, 15\$00; Distribuição em Fragoso, 59\$00; Joaquina Rosa — Lisboa, 30\$00; Rosalina Gertrudes — Lisboa, 15\$00; Amadeu Roxo — Porto, 20\$00; Leopoldina Moris — América, 4 dólares; Sancia Moreira — Douro, 15\$00; Maria Guerra — Casteleiro, 50\$00; Miquelina de Assunção — A. de Cima, 20\$00; Leonor Viterbo — Algarve, 15\$00; Maria Gouveia — Madeira, 25\$00; Dist. em S. Cruz — Madeira, 102\$50; P.º António Ferreira — Goa, 90\$00; Ana Formigal — Lisboa, 20\$00; António Carvalho — Ermesinde, 20\$00; Emilia Augusta — F. de Zezere, 50\$00; Maria Coelho — Olivais, 15\$00; Casa de Saúde de S. Miguel, 40\$00; P.º António de Sousa — Recarei, 20\$00; P.º Martinho da Rocha — T. Novas, 20\$00; Clotilde Almeida — Gaia, 20\$00; Etelevina Carvalho — Lavre, 20\$00; Olinda Gonçalves — Porto, 20\$00; Maria Olinda Faria — Acores, 20\$00; Esmola duma pessoa de Arronches, 20\$00; P.º Agostinho Nunes — Baião, 27\$50; Maria da Piedade F. — C. de Beateiros, 20\$00; Maria Castilho — Lisboa, 20\$00; Corpo Nacional de Scouts de V. do Conde, 460\$00; P.º Jorge Lima — V. do Conde, 20\$00; Maria J. Mendes — Cabeço de Vide, 25\$00; Elvira Falcão — Lagôas, 50\$00; José Alves — Brasil, 15\$00; Maria Olívia Neto — Cercal, 15\$00; Izaura Nunes — P. do Ribatejo, 20\$00; Igreja das Flamengas — Lisboa, 21\$95; Ana M. Lurine da Silva — Lisboa, 20\$00; Teresa Cardial — Lisboa, 20\$00.

Leiam e cumpram

Para evitar atrazos é necessário não esquecer que: Quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

Muito obrigada

Há pessoas que cheias de caridade procuram angariar esmolas dos leitores da «Voz da Fátima» para que este jornalzinho se possa manter através da crise que a todos ameaça. Há tais pessoas, que por sua humildade não querem seus nomes publicados, toda a redacção da «Voz da Fátima», fica muito obrigada.

FATIMA À PROVA

A violência

Preparando o terreno

Estava-se em Maio de 1920. De 1917 a 1920 haviam-se passado outros acontecimentos que se integravam perfeitamente no quadro das perseguições à Fátima.

Prisões de padres e intimações despoticas da parte da autoridade sucediam-se quasi ininterruptamente. O Administrador pretendia a toda a força esbulhar o pároco da Fátima da posse da residência e nesse sentido multiplicava os officios e as intimações a comparecer na Administração do concelho.

Ser-lhes-ia o presbitério preciso para alguma obra de utilidade pública? Nos documentos que tenho à mão não apparece isso nem por sombras sequer.

E nesta ingloria tarefa cada Administrador queria exceder o antecessor. Artur de Oliveira Santos de quem nos temos de occupar largamente ao longo deste artigo teve no seu antecessor de Abril de 19 a principios de Maio de 20 um digno competidor.

E desse personagem cujo nome não pude obter o seguinte documento que o honra até como exercicio de redacção em português.

Manuel Marques Ferreira Pároco da Fátima

12-V-1919

Queira V. Ex.ª tomar as suas providencias para que no mais curto prazo de tempo abandone o presbitério em que estando, digo, que está residindo que é como V. Ex.ª sabe, propriedade do Estado, embora ainda não esteja feito o respectivo arrolamento que vai fazer-se dentro em breve.

Caso V. Ex.ª se entenda com direito a continuar residindo no referido presbitério queira V. Ex.ª apresentar os respectivos documentos.

E, não contente com isto, sete dias depois pede novamente a informação da data em que pode abandonar o presbitério.

No fim do mês, e precisamente a 30, intima o pároco a comparecer na Administração no dia 2 de Junho.

Havia certamente uma grande molha embora oculta a fazer agir a autoridade desta maneira.

De facto porém o pároco não saiu da residência que o seu successor ainda occupa.

A acção das alfurjas maçónicas ia alastrando e crescendo de intensidade de dia para dia.

Preparava-se na sombra um ataque em ponto grande.

Não se perdia um ensejo não se desprezava uma arma.

Foi assim que os próprios católicos inconscientemente foram lançar mais lenha na fogueira.

A imagem

La para três anos que Nossa Senhora, aparecendo na Cova da Iria revolucionara Portugal, agitando o nump grande onda de fé e de afervoramento religioso, e, nesse local bendito, os fiéis não tinham ainda uma imagem que lhes concretizasse os factos ali ocorridos.

Resolveu-se então um torrejano recentemente convertido, a mandar fazer uma imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Foi essa encomenda feita à casa Teixeira Fânzeres e a execução do trabalho confiada a um jovem artista o Snr. José Ferreira Tedim.

Piedoso e culto, embora ainda então sem nome feito, soube sentir, conceber e realizar a veneranda imagem santificada e canonizada pelas lágrimas, ósculos e fervorosos toques de milhões de peregrinos como a feliz perpetuação da mais querida e sublime glória da nossa terra, através dos tempos.

Seja muito embora nulo o seu valor artistico, concentra-se nela e desprende-se para nós um profundo sentido místico que faz reviver dentro da alma a evocação das indoláveis cenas a que a rama verde escura das azinheiras serviu de fundo, em 1917.

A imagem — a mesma que hoje se venera na capelinha das Aparições na Cova da Iria — chegara a Torres Novas uns dias antes do dia 13 de Maio que, naquele ano de 1920, caía à Quinta-feira e precisamente a da Ascensão de Nosso Senhor ao Céu.

Toda a gente a ia ver e vinha depois dar largas à sua admiração contando aos amigos e vizinhos como era linda.

Foi uma autêntica romaria. Eis senão quando o Administrador do concelho de Torres Novas chama o

devoto à Administração e lhe proibe que saia com a imagem para a Fátima.

Cercam-lhe o casa com tropa para o obrigar a cumprir a ordem recebida.

Mas a imagem sempre saiu... e pelo meio da tropa, como outrora Jesus por entre os seus patricios junto do despenseiro de Nazaré.

O pai do devoto vendo o apêto em que se encontrava o filho vai ao páteo, põe os bois ao carro e neste, logo no fundo, o caizote com a imagem, coberto com várias alfaias agricolas como se fosse para uma fazenda aonde realmente se encaminha.

Fôra do alcance da tropa o caizote é mudado e levado para a Fátima em cuja igreja se benze a imagem.

«A grande parada reaccionária»

Dum lado e doutro da Cova da Iria, formando cordões, havia-se postado, de manhã, um forte destacamento militar composto de infantaria e cavalaria, do exercito e da Guarda Republicana, com ordens de não deixarem passar ninguém em direcção à Cova da Iria.

Era ordem do governo por intermédio da autoridade concelhia.

E os pobres peregrinos tinham de sair da estrada e atravessar o barro das terras, saltar os muros das sebes e escolher um ou outro caminho que, livres da tropa, os deixasse seguir.

Uma forte trovoadas com chuva abundante obriga o povo a mezer-se e a procurar seguir o caminho natural.

Ha no adro um principio de desordem por os soldados distribuirem espadeiradas sobre os peregrinos que, em grande numero, se refugiam na igreja.

Mas a chuva também molhava a tropa e esta, por sua vez, retira deixando livre o caminho a quem queria passar.

Era interessante ver os soldados a marchar e lendo ao mesmo tempo as estampas que alguém distribuia pelo povo e que continham os dados das aparições.

Na Cova da Iria já um outro núcleo militar fóra pela lama e pela chuva obrigado a retirar.

Antes de partir, os soldados, tendo destrocado por um pouco, corriam a dar largas ao coração, rezando naquele lugar bendito, e a procurar alguma recordação da sua estada ali.

A um bom camponês, estugando o passo para a forma se ouvia dizer: «Num quero chaber... a chantinha já eu cá lebo...»

Foi nisto que deu a «grande parada reaccionária» de 13 de Maio de 1920 em que o próprio exercito acaba por se fazer peregrino!...

A Maçonaria em campo

Quem, desde o principio tiver, acompanhado o que se tem passado na Fátima já a esta hora terá formado o seu juizo sobre a origem da perseguição odienta de que a Fátima tem sido objecto. A perseguição à Fátima é apenas um capítulo da história da Igreja em Portugal.

E uma demonstração da influencia maçónica de mais de um século nas nossas esferas governativas.

E mais uma prova da nefasta acção da Maçonaria no ataque contra a Igreja e contra a nação.

Se alguém ainda tinha dúvidas deponha-as, de hoje em diante. A Maçonaria perde a cabeça e, levantando a máscara, põe-se em campo claramente para acabar de vez com «a torpe exploração religiosa», como diziam os adversários.

O boato

é o primeiro passo na realização deste novo ponto do largo programa.

Em Lisboa, ai por meados de Abril, desencadeia-se uma forte campanha de boatos adrede creados para desprestigio da Fátima.

E o boato, filho da rua, corre veloz, sempre remoçado sempre mais credido, sempre atrevido e calunioso quando não ridiculo:

«que de Torres Novas para a Fátima em Quinta Feira de Ascensão se faria uma grande romaria a acompanhar a imagem comemorativa das aparições;

«que viriam milhares de automóveis de Lisboa e outras partes e muita outra gente em carros, a cavallo e a pé; tomariam parte nessa romaria centenas e centenas de padres, jesuitas e crianças vestidas de anjos;

«emfim que a reacção se ia pôr em campo em centenas de milhar, fazendo uma parada de forças reaccio-

nárias, como nunca se vira outra igual.

Tal era o boato em que alguma verdade se misturava com muita invenção.

O fim emerge logo do meio dessas alarvidades que ai ficam: obter a proibição da peregrinação como realmente obtiveram.

Era necessário ir pelo seguro. Do mais alto ao mais baixo todos afinavam pelo mesmo diapasão.

Agora só faltava a última demão. E a «Maçonaria» vem dá-la.

A 24 de Abril recebia o Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém uma carta que transcrevemos na íntegra, pelo extraordinário interesse de que se reveste.

Ai vai.

Ex.º Senhor

Por intermédio do seu e nosso amigo Snr. Lino de Sousa soubemos que os elementos reaccionários desse concelho se preparam para consagrar a vidente de Fátima, já falecida, continuando assim a torpe exploração religiosa já em uso: Pedimos, pois, a V. Ex.ª a fineza de se dignar informar-nos até que ponto vão esses manejos afim de vermos se em conjunto nós, o governo e V. Ex.ª podemos realizar ai alguns trabalhos que neutralisem essa mancha jesuitica.

Certos de que nos não negará o seu valioso auxilio subscrevemo-nos com a maior consideração desejando-lhe Saude e Fraternidade.

O Secretário Exterior Júlio Bento (?) Ferreira (?)

A «vidente de Fátima» de que se fala era a pequena Jacinta cuja trasladação se pretendia efectuar e se efectuou para o cemitério de Vila Nova de Ourém onde está.

Foi como quem deita azeite na candea.

Sem fins políticos (e que fins políticos podia ter o enterro duma pobre criança?) uma das mais distintas familias do termo de Ourém a familia dos Barões de Alvaizere promoveu a trasladação dos restos mortais da pequena Jacinta, de Lisboa, donde Deus a chamara a Si, para o concelho donde fóra natural, e para mais depressa mandou-a colocar no seu jazigo privado.

Era e é monárquica esta familia. Tanto bastou para, á volta dum infensivo cadaver, se fazer nos sectores opostos, sectários e jacobinos, a mais estúpida exploração politica e religiosa.

A carta que ai fica queria ser, e era, numa espécie de toque de clarim a sentido.

O Administrador com todo o seu anticlericalismo não precisava de ânimo para agir. Açulado vejam aonde ia dar!...

Toca logo a reunir para formar as hostes dos seus e marchar contra a negregada reacção.

Do que ele tenha respondido, e em que termos, bem o podemos conjecturar pela maneira como opera.

A 30 de Abril enviava a todos os regedores a seguinte circular:

«Por motivos de serviço público venho rogar a V. Senhoria compareça nesta Administração na próxima Quinta-Feira 6 do corrente, digo, de Maio.»

Realizou-se a reunião em que o grande esteio do regime terá eloquentemente discretado sobre o grande perigo que na Fátima surgia para a República e da necessidade urgente que havia de extinguir por completo esse foco da reacção etc., etc.

Os homenzinhos foram para casa e ele, desconfiando do êxito da sua allocução, envia no dia 8 uma nova circular, insistindo nas ideias apresentadas e nas resoluções tomadas dois dias antes, e trazendo talvez mais alguma coisa que os ventos do sul lhe fizeram lembrar em noites de pesadelo.

A circular é concebida nestes termos: «Por ordem de Sua Ex.ª o Ministro do Interior é determinado que se evite repetição mistificação caso da Fátima que se prepara para o dia 13 do corrente.

Queira V. Senhoria informar desde já esta Administração quais os dirigentes e propagandistas nessa freguesia, que pretendem organizar qualquer manifestação sob aquele ponto de vista, afim de, em caso de desobediência à Lei, lhes serem applicadas as penas respectivas, remetendo-os ao poder judicial como desobedientes.»

Deixamos ir tudo com o mesmo sabor original para que os nossos leitores possam melhor ajuizar do estôfo intelectual, moral e cultural de quem escreve tais coisas.

A peregrinação realizou-se como vimos; a acção da autoridade foi extensa e intensa a mais não.

Pois a Federação Portuguesa do Livre Pensamento, a mais velha filha da Maçonaria, resolveu agradecer-lhe.

E envia-lhe a 15 de Maio o seguinte officio.

Ex.º Senhor

A Federação Portuguesa do Livre Pensamento vem perante V. Ex.ª patentear-lhe a sua mais profunda simpatia pela forma altamente republicana e livre pensadora como agiu dentro da questão do pretendido milagre de Fátima com que a reacção jesuitica e clerical pretende explorar a ignorância popular.

Certos de que V. Ex.ª saberá avaliar quão certa e dedicada é a nossa admiração pelo seu procedimento confessamo-nos com a maior consideração.

De V. Ex.ª etc.»

Era a maior recompensa que Artur de Oliveira Santos podia desejar.

Se ele ficava nesse documento com direito exclusivo à corbá de glória conquistada pelo esforço conjunto do Estado, da Maçonaria e do latreiro...

Podia agora descansar socegradamente á sombra dos louros conquistados. Não era porém da raça de estar quieto e parado.

Coberto de tão triste glória o homem não se esquece das obrigações da vida social e agradece.

E assim o agradecimento datado de 5 de junho de 1920.

«Federação do Livre Pensamento»

Largo do Intendente 45-1.ª-Lisboa.

Acuso a recepção do officio de 15 do mez findo próximo passado e agradeço as felicitações com que se dignaram honrar-me embora imerecidas.

A reacção soffreu no dia 13 de maio graças ás providencias do governo da presidência do grande patriota e republicano illustre cidadão António Maria Baptista um grande golpe que lhe destruiu a projectada parada com que pretendiam não só explorar mais uma vez com a ingenuidade do povo inculto como também preparar um fio de onde faziam os seus ataques odientos contra a República.

Não desarmaram ainda os promotores (sic!) da Fátima (todos eles autênticos inimigos da República) pois que pretendem fazer com todo o aparato a trasladação de um cadaver de uma infeliz creança falecida á tempos em Lisboa a quem atribuem intermedora (sic!) da Virgem e ainda se servem da chamada vidente Lúcia de Jesus creança de 13 anos, uma pobre doente, para melhor explorarem o povo ignorante.

Mas os seus negregados projectos ficaram (sic) de vez sem efeito emquanto no nosso País governos como o actual e Associações como o Livre Pensamento cumprirem com a missão augusta de combaterem a mentira e defenderem a Liberdade.»

E, como bom bom organizador desejando immortalizar o seu feito, dá ordens ao cooperador-mór—o regedor da freguesia da Fátima enviando-lhe ordens precisas neste sentido.

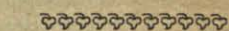
«Para os devidos efeitos devo informá-lo de que, de futuro, nenhuma (sic) préstito religioso se poderá realizar nessa freguesia sem que esta Administração seja ouvida. Pelo exposto de (talvez deve) V. S.ª prevenir o parecho (sic) da freguesia e promotores de qualquer manifestação religiosa, desta minha determinação devendo V. S.ª informar-me devidamente de qualquer mistificação ou especulação da natureza do chamado milagre da Cova da Iria.»

Foi o canto do cisne na gloriosa acção da Fátima.

Um ano depois já a administração do Concelho estava occupada por outro.

E a «reacção» da Fátima contra a cretina estúpidez livre pensadora continua ainda.

Um Observador



SABEM ?

A «Voz da Fátima» tem tantos assinantes que há um e dois anos não pagaram as suas assinaturas e que se o fizessem a livrariam da crise!!!

—E alguns recebem rolos tão numerosos aumentando assim tanto as despesas do jornal!!!

—Ao menos não os deixem por lá sem os distribuírem por quem os leia.

Este número foi visado pela Censura.